

Artigos

“NÃO EXISTE PERMANÊNCIA”: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE EVIDÊNCIAS LITERÁRIAS

João Vitor Pestana Bentes Lopes¹⁰⁹

Orientador: Prof. Dr. Antonio José Jardim e Castro

RESUMO

A palavra, quando logos, é eterna criadora, e as criaturas são fruto da palavra. Santo Agostinho, ao referir-se ao Criador, nos diz: “Que criatura existe que não exija a vossa existência? Portanto, é necessário concluir que falastes, e os seres foram criados. Vós criastes pela palavra!” (ANÔNIMO, 2001, p.106). A palavra, nesse sentido, é a do “poema da criação”, termo utilizado no livro *Confissões*, e nos é de extremo interesse: estamos desde já interessados na palavra, seu ser nos habita, assim como a habitamos. A Epopeia de Gilgamesh um dia foi cantada, não pela voz do Criador, mas de um criador, que o fez no logos e com o logos, entretanto nos chegou através dos suportes; seu caráter originário de mito permanece distante da experiência.

Palavras-chave: Epopeia; Logos; Mito.

Partamos da fala de Utnapishtim, ao dirigir-se a Gilgamesh: “Não existe permanência.” (ANÔNIMO, 2001, p.147). Tal proposição refere-se à impossibilidade do rei de Uruk, apesar de dois terços deus e um terço homem, ter seu desejo realizado, quando

¹⁰⁹ João Vitor Pestana Bentes Lopes, aluno de graduação da UFRJ, atualmente cursa o oitavo período em Português-Literaturas. O trabalho intitulado “*Não existe permanência*”: *considerações a partir de evidências literárias* realizou-se sob a vigência da bolsa da FAPERJ, que se deu até julho de 2012 e sob o vínculo com o projeto de pesquisa Poética e Criação Poética, coordenado por Antonio Jardim, projeto que contempla o diálogo entre literatura e filosofia. Orientador: Antonio José Jardim e Castro. e-mail: joaovitor1986@gmail.com

se descobre, ao final de sua busca, fadado ao destino de todo homem, o que lemos no texto:

“O destino se cumpriu; como uma gazela apanhada num laço, como um peixe fígado, ele jaz estirado sobre a cama. O desumano Namtar pesa sobre ele; Namtar, que não tem mão nem pé, que não bebe água nem come carne.” (ANÔNIMO, 2001, p.164)

Namtar é a ruína, aquele que faz tudo ruir, independente das vontades que lutam contra ele; Namtar é a origem da busca, da trajetória do herói desta Epopeia, força motora traduzida nos passos do guerreiro.

A Epopeia de Gilgamesh vigora na jornada do herói. Ao perceber o destino que assolou seu companheiro Enkidu, Gilgamesh parte em sua busca, uma busca que só por ele poderia ser feita, movida por um questionamento maior: o destino. Nada mais poderia servir-lhe de resposta, resposta alguma lhe poderia ter sido dada além da mágica proposição que acalmou seu ímpeto.

O grande aprendizado do rei de Uruk não é conceitual, cronológico, sistemático: é um aprendizado concreto, pois se dá na concretude da fala e da escuta daquele que o conduzirá, com a palavra, à Verdade Imutável. Somente a palavra pode dizer, lançar-se, desdobrar-se aos ouvidos daquele que clama por ela, trazendo ao mundo o que antes não havia, parabolicamente lançada, em sua magia de palavra, evocada.

Após ter atravessado as águas da morte, Gilgamesh chega até Utnapishtim, o “Longínquo”, “Aquele que viu a vida” o único homem ao qual os deuses concederam a vida eterna; ao chegar até ele, deseja fazer perguntas sobre os vivos e os mortos, de modo que o questiona sobre como encontrar a vida que busca, e recebe a seguinte proposição como resposta: “Não existe permanência.” (ANÔNIMO, 2001, p.147). Neste instante de presença, Utnapishtim, com suas palavras, educa Gilgamesh, e esta é a educação da verdade:

Acaso construímos uma casa para que fique de pé para sempre, ou selamos um contrato para que valha por toda a eternidade, ou o período de cheia do rio dura para sempre? Somente a ninfa da libélula despe-se da larva e vê o Sol em

toda a sua glória. Desde os dias antigos, não existe permanência. (ANÔNIMO, 2001, p.147)

O presente é o tempo da educação, não se pode educar no passado ou futuro, ao que estes já passaram ou estão por vir; mesmo as lembranças ou prognósticos são concretizações, presentificações; o educar se dá quando a memória instaura-se em uma conjuntura espaço-temporal, movimento cíclico de fala e escuta; é um momento poético, momento oportuno de criação de memória.

No livro XI das Confissões, de Santo Agostinho, podemos notar o seguinte pensamento: “Ainda quando somos elucidados por criatura mutável, somos encaminhados também para a Verdade Imutável, onde verdadeiramente aprendemos.” (AGOSTINHO, 1973, p.240) Utnapishtim, criatura imutável, encaminha Gilgamesh para a Verdade Imutável, ou seja, a Verdade que está acima dele, à qual ele está fadado, aquela verdade que nenhuma ação poderá desfazer.

As ações de Gilgamesh foram ações de paixão, ímpetos que o levaram a cumprir seu caminho; em suas palavras, clama a Shamash, a respeito da jornada que se dispôs a fazer até a Terra de Humbaba: “Ai de mim! É longa a jornada até o fracasso, por que encheste-me, oh Shamash, de um sôfrego desejo de empreendê-la?” (ANÔNIMO, 2001, p.106).

A paixão é o que move o herói, o faz trespassar todos os empecilhos, ainda que o fim inerente seja a morte e os juízes do mundo inferior tomem conta de seu corpo. Gilgamesh tomou ciência de sua sorte, ao pensar sobre a Terra dos Vivos; em suas palavras diz:

E que homem pode chegar ao céu? Somente os deuses vivem eternamente na companhia do glorioso Shamash; nós, homens, temos nossos dias contados. Nossos trabalhos e empreendimentos são como um sopro de vento (ANÔNIMO, 2001, p.105).

São sábias palavras, elas o movem em direção à via de feitos que o permitirão habitar a memória dos homens, no porvir. Sabe de sua finitude, porém enseja viver além

de seu tempo, além daquilo que lhe foi dado pelos deuses, a vida – deseja gravar seu nome na floresta dos cedros, e onde nome de homem algum foi jamais inscrito, almeja erigir um monumento aos deuses.

Deve-se entender que aqui falamos do humano, e neste campo – do humano – nos entendemos, nesta articulação feita a partir de um antigo texto. Mas o tempo que nos interessa não é de forma alguma o cronológico, o tempo que nos interessa é o tempo da presença, o tempo em que as coisas se dão. No livro *Confissões*, pertinente a este raciocínio, Santo Agostinho nos diz:

Quem poderá prender o coração do homem, para que pare e veja como a eternidade imóvel determina o futuro e o passado, não sendo ela nem passado nem futuro? Poderá, porventura, a minha mão que escreve explicar isto? Poderá a atividade da minha língua conseguir empresa tão grandiosa? (AGOSTINHO, 1973, p.242)

A eternidade imóvel é aquela que não se compõe de fugitivos instantes – insta em sua presença eterna e dela se origina toda a cronologia, porém permanece imune às medidas – é o que tudo reúne, tempo de todos os tempos, palavra geratriz de palavras.

O aprendizado de Gilgamesh concretiza-se a partir de sua busca, que o conduz à proposição que vai em desencontro ao seu desejo: a vida eterna, tempo desejado de ser alcançado, eterno presente. Tal aprendizado começa quando sua busca se inicia, no discurso errado pelo herói, e é no decurso que aprender-se-á tudo aquilo que não necessariamente se deve, mas se dá. As lembranças de um passado e as crenças em um suposto futuro é que conduzem seus passos, pelos ermos da memória, fazem dos erros experiências memoráveis, por isso quanto maior o percurso, maior a vivência.

Santo Agostinho conclui que o verdadeiro presente não tem espaço, pois é indivisível, não é mensurável, passível de ser medido, não por sua duração longa ou curta, mas pela sua presença:

Em que espaço medimos o tempo que está para passar? Será no futuro, donde parte? Mas nós não podemos medir o que ainda não existe! Será no presente, por onde parte? Mas nós não medimos o que não tem nenhuma extensão! Será

no passado, para onde parte? Mas, para nós, não é mensurável o que já não existe! (AGOSTINHO, 1973, p.243)

O verdadeiro presente jamais se subdividirá em passado e futuro, visto que estes se adequam à cronologia; é um tempo que se desvela, mostrando-se como realmente é, tanto para o leitor preso na espaço-temporalidade da Epopéia quanto para o herói em seu percurso mítico. O verdadeiro aprendizado é um discurso, não cessa, dá-se no decorrer da jornada, ancorado à memória do viajor, mesmo ao fim de sua viagem.

A permanência só pode ser vislumbrada pelo homem a partir de sua impermanência – esta, para ele, dura tanto quanto sua memória, portanto o humano não permite experienciar o imutável; Porém, é no ser mutável e presente no discurso, que erramos. Errar é humano, humana é a condição de auscultar tudo o que é permanente, pela experiência do que não é permanente – imaginar é o que cabe ao homem, em seu destino.

Gilgamesh, o rei de Uruk, dois terços deus e um terço homem, sujeito às leis do destino, buscou alcançar a vida eterna; tendo visto morrer o seu companheiro, passou a temer a morte:

Por causa do meu irmão, tenho medo da morte; por causa do meu irmão, vagueio pelas matas e pelos campos. Seu destino pesa sobre mim. Como posso descansar, como posso ficar em paz? Ele virou pó e também vou morrer e ser enterrado para sempre. Tenho medo da morte; (ANÔNIMO, 2001, p.143)

A percepção de ser ele próprio passageiro é a causa de seu temor; vê seu semelhante ser devorado pelos vermes e então percebe-se fadado ao mesmo fim, por ser ele também constituído de matéria passageira; o fim é algo inerente à matéria, não ao deus Shamash, Ishtar, Ninsum (sua mãe), Ea, Namtar e tantos outros – estes só terão seu fim ao deixarem de habitar a memória dos homens, mas ainda hoje residem em nosso imaginário, como resquícios do que um dia já foram.

A imortalidade buscada por Gilgamesh não lhe é concedida, apesar do seu poder de atar e desatar, de ser as trevas e a luz da humanidade – seu destino era reinar, não

viver eternamente. Como disse seu companheiro Enkidu, ao interpretar um de seus sonhos:

O significado do teu sonho é o seguinte: o pai dos deuses te deu um trono; reinar é o teu destino; a vida eterna não é o teu destino. Por isso, não fiques triste, não te atormentes nem te deixes oprimir por causa disso (ANÔNIMO, 2001, p.103).

Esta é a razão de toda a sua jornada, fazer-se eternamente presente. Gilgamesh não ouve Enkidu, mas após vê-lo morrer parte em busca do pai de todos os homens, o *Longínquo*, aquele que sobreviveu ao dilúvio e foi levado pelos deuses a viver eternamente na foz dos rios; porém, ao chegar até ele, é posto à prova, devendo lutar contra o sono durante sete dias e sete noites, e logo é vencido por uma bruma de sono. Utnapishtim diz então à sua mulher: “Olha para ele agora, o homem forte e poderoso que quer viver por toda eternidade; as brumas do sono já estão pairando sobre ele (ANÔNIMO, 2001, p.157).

O herói não foi capaz de resistir às fraquezas do corpo, pois o corpo é frágil, e em sua finitude não é capaz de resistir à infinitude que o assombra.

Uma última questão se põe neste discurso: o que é de fato a eternidade? De um modo singelo, podemos dizer que pensar a essência do eterno é o mesmo que pensar o eterno, um tempo que não é passível de ser medido e onde nada passa, tudo é presente, um eterno “hoje”, como é dito no livro *Confissões*:

“o vosso dia não se repete de modo que possa chamar-se cotidiano, mas é um perpétuo “hoje”, porque este vosso “hoje não se afasta do “amanhã” nem sucede ao “ontem”. O vosso “hoje” é a eternidade.” (AGOSTINHO, 1973, p.243)

Este é um tempo desmedido, no qual os juízes do mundo inferior não têm o poder de alcançar aquele que o habita, e passado, presente e futuro são uma única dimensão, pois de fato não existem como tais e, assim sendo, não podem ser separados – são um só tempo e coabitam o presente. A ausência de um começo e de um fim, uma eterna presença, é algo que está no imaginário humano, jamais será tido como experiência – isto é o tempo divino.

A palavra, porém, não é a palavra do homem, este é apenas um meio para que ela se lance, parabolicamente, gerando uma espaço-temporalidade singular, a ecoar no espaço-tempo; a magia se dá nessa instância – o dizer conduz-nos ao ouvir, e o ouvir, ao enxergar, sem nenhum pertencimento – a palavra não pertence, ela gera, traz à presença, evoca, instantaneamente, verdadeiramente, concretamente, em um discurso experienciado.

Nesse sentido, somos conduzidos, em um tempo vivido, pela leitura do épico; não se ouve mais o cantar do aedo, o mito não é mais vivido, o que há é uma nova experiência, a vivência da leitura de um texto em ruínas, fragmentado não somente pela incompletude, mas pela falta da experiência do vigor do mito; ouvir é sucedido do olvidar.

A memória atual está fragmentada pelos suportes que nos condenam a depender cada vez mais de sua utilidade, a palavra ancora-se no senso comum, perde sua riqueza, seu canto, sua memória – somente o suporte pode contê-la, raros são os poetas que sabem de cor suas criações.

A palavra, quando *logos*, é eterna criadora, e as criaturas são fruto da palavra. Santo Agostinho, ao referir-se ao Criador, nos diz: “Que criatura existe que não exija a vossa existência? Portanto, é necessário concluir que falastes, e os seres foram criados. Vós criastes pela palavra!” (ANÔNIMO, 2001, p.106). A palavra, nesse sentido, é a do “poema da criação”, termo utilizado no livro *Confissões*, e nos é de extremo interesse: estamos desde já interessados na palavra, seu ser nos habita, assim como a habitamos. A Epopeia de Gilgamesh um dia foi cantada, não pela voz do Criador, mas de um criador, que o fez no *logos* e com o *logos*, entretanto nos chegou através dos suportes; seu caráter originário de mito permanece distante da experiência.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. *Confissões e De Magistro*. J. Oliveira Santos, Abrósio de Pina e Ângelo Ricci, trad. São Paulo: Abril Cultural, 1973.



ANÔNIMO, A Epopéia de Gilgamesh. N. K. Sandars, Carlos Daudt de Oliveira, trad. São Paulo: Martins Fontes, 2ª Ed., 2001.

DELEUZE, Gilles. Lógica do Sentido. Luiz Roberto Salinas Fortes, trad. São Paulo: Perspectiva, 5ª Ed., 2009.